

Novilíngua e poder: Uma análise de como os lexemas polissêmicos do vocabulário B são utilizados no discurso para influenciar as relações de poder e delimitar o pensamento crítico na obra *1984* de George Orwell.

Newspeak and Power: An analysis of how the polysemic words from vocabulary B are used in the discourse to influence the power relations delimitate the critical thinking in George Orwell's *1984*.

Rodrigo Sanches Pereira

Licenciado em Letras Português/Inglês pela Universidade Veiga de Almeida, professor de inglês e coordenador na Cultura Inglesa RJ.

E-mail: rodrigosanchesp_rj@hotmail.com

Cláudia Cristina Mendes Giesel

Mestre em Linguística Aplicada e Doutora em Educação pela Iowa State University, professora assistente do curso de Letras da Universidade Veiga de Almeida.

E-mail: claudia.giesel@uva.br

RESUMO

A *novilíngua* apresenta uma tentativa de utilização da língua como ferramenta de controle político-ideológico na obra *1984* (2009). A presente pesquisa tem por objetivo analisar e interpretar como as relações de poder são sustentadas no discurso por intermédio de palavras que possuem um rico campo semântico como as palavras polissêmicas do vocabulário B na obra de Orwell sob a ótica da Análise Crítica do Discurso e da concepção tridimensional da Teoria Social do Discurso de Fairclough (2001). Os resultados apontam a ambivalência lexical do discurso cotidiano como fator determinante na implementação ideológica e posicionamento do governo para manutenção do poder na obra. Conclui-se que as estruturas das relações de poder na obra são reforçadas por meio da implementação de palavras polissêmicas que corroboram com a delimitação do pensamento crítico individual erradicando posicionamentos contrários à ideologia pregada pela elite.

Palavras-Chaves: Análise crítica do discurso, Ideologia, Hegemonia, 1984, Novilíngua.

ABSTRACT

Newspeak incites an attempt of using the language as a political-ideological tool in *1984* (2009). Thus, this present work has as objective the analysis and interpretation of how the power relations are sustained in the discourse by words that present a plentiful semantic field such as the polysemic words from vocabulary B of *newspeak* in *1984*. This analysis is based on the Critical Discourse Analysis and the three-dimensional concept of Fairclough's (2001) Social Discourse Theory. The results of this analysis point to the lexical ambivalence in everyday discourse as determining factor to the ideological implementation and the government's position to sustain and withstand the power control. As a conclusion, the hegemonic relations are reinforced by the employment of polysemic words in the discourse which corroborate with the individual critical thinking delimitation, eradicating opposite thoughts to the elite's ideology and principles.

Keywords: Critical discourse analysis, Ideology, Hegemony, 1984, Newspeak.

Introdução

Como sabemos, o discurso é um dos meios mais eficazes de disseminação de ideias e manipulação sendo possível o controle das massas pela simples escolha de palavras, palavras essas que em sua maioria apresentam conceitos políticos e ideológicos. O idioma criado por George Orwell em *1984* é um exemplo de como a língua é capaz influenciar o posicionamento político-ideológico de seus falantes. A significação política-ideológica da língua/linguagem no discurso é um importante fator a ser considerado no que se refere à organização hegemônica de uma sociedade. Muitas palavras detêm uma enorme capacidade de influência ao estabelecer posicionamentos políticos e ideológicos nas entrelinhas do discurso. Entretanto, nem todos percebem essa característica da língua, portanto esse trabalho visa trazer à tona a importância da língua na estruturação das relações de poder.

A presente pesquisa tem por objetivo analisar e interpretar como as relações de poder são sustentadas no discurso por intermédio de palavras que possuem um rico campo semântico, as palavras polissêmicas do vocabulário B da língua artificial *novilíngua*, na obra *1984* (2009) de George Orwell e da delimitação do pensamento crítico sob a ótica da Análise Crítica do Discurso.

1984 - A Distopia de Orwell

Distopia, na terminologia literária, é um gênero que comumente retrata sociedades controladas por regimes totalitários, opressivos e que apresentam atmosferas profundamente pessimistas acerca do futuro da humanidade. Essas sociedades distópicas são definidas por Araújo (2008, p. 156) como “aquelas nas quais o Estado absoluto controla a vida e as mentes de seus cidadãos”.

Para Araújo (2008) as distopias visam demonstrar tendências contemporâneas que limitam a liberdade humana, já que invertem a perspectiva utópica, uma vez que o futuro é descrito como pior do que o presente em decorrência de um projeto coletivo. Araújo (2008) menciona que as distopias são frequentemente criadas como avisos, ou até mesmo sátiras, a fim de apresentar as atuais convenções sociais e limites extrapolados ao máximo. Por conseguinte, esse tipo de obra nos faz críticos por “explorar moralmente os dilemas presentes que refletem negativamente no futuro”. Esses dilemas fazem parte de alguns dos traços característicos da distopia consideradas por Araújo (2008, p. 200):

(...) explorar moralmente os dilemas presentes que refletem negativamente no futuro, oferecem críticas sociais e apresentam as simpatias políticas do autor, exploram a estupidez coletiva, o poder é mantido por uma elite pela somatização e consequente alívio de certas

carências e privações do indivíduo, possuem discurso pessimista, raramente “flertando” com a esperança.

A obra *1984* foi escrita por George Orwell em 1948, o romance trouxe à tona discussões sobre assuntos atemporais que são de extrema importância para sociedade como a centralização da economia, divisão do mundo em “zonas de influência” das superpotências, a opressão de um governo totalitário e seus líderes, além de todo o poder de manipulação da elite.

A divisão do mundo em zonas de influência é demonstrada por Orwell na obra com as três principais potências: Oceânia, Lestásia e Eurásia, cada qual com seu sistema totalitário e sempre em guerras entre si, já que a guerra era financeiramente interessante pois estimulava o aumento na produção de armamentos e de outros materiais para guerra, conseqüentemente os membros do partido trabalhavam mais e a guerra era um ótimo pretexto para economizar as rações e reduzir outros “benefícios” dos membros dos partidos.

No fictício país da Oceânia o ser humano tem sua vida vigiada por um sistema de câmeras onipresentes atentas a qualquer tipo de pensamento ou possível atitude herege e que representam o Grande Irmão, *Big Brother*, o líder supremo do partido totalitário *Socing*, ou o socialismo inglês de acordo com Orwell (2009).

O partido é dividido em quatro ministérios distintos segundo Orwell (2009, p. 14): “O Ministério da verdade, responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes, O Ministério da Paz, responsável pela guerra. O Ministério do Amor, ao qual cabia manter a lei e a ordem. E o Ministério da Pujança, responsável pelas questões econômicas”.

O *Socing* estabelece um governo opressor e manipulador que tem contradições como slogans: “Guerra é Paz”, “Liberdade é escravidão” e “Ignorância é Força”. Slogans que remetem diretamente ao *duplipensar* e apresentam a clara intenção de delimitação de pensamento crítico dos cidadãos por intermédio de contradições, influências como manipulação da mídia e uma futura delimitação da língua por intermédio da utilização da *novilíngua* como idioma oficial da Oceânia para impossibilitar que ideologias contra o partido possam ser reproduzidas e para que as relações de poder sejam sustentadas.

George Orwell

Eric Arthur Blair, mais conhecido por seu pseudônimo George Orwell, é o escritor da sátira à revolução soviética *A Revolução dos Bichos* e ao líder supremo de um estado totalitário, semelhante à Stalin, na distopia *1984*.

Santos (2011) menciona que toda a vida de Eric Arthur Blair foi dedicada à luta antistalinista, anti-imperialista e a favor da liberdade. Segundo Neto (1984, p. 8) um artigo escrito de Orwell pouco após a Segunda Guerra Mundial expunha claramente suas convicções políticas: “Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita direta ou indiretamente contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrático, como eu o entendo”.

Antes mesmo de 1936, suas obras já mostravam grande preocupação na luta pelos oprimidos. Neto (1984, p.11) diz que “sua capacidade de indignação face a uma injustiça o levava às vezes a defender aqueles a quem previamente atacara, assim que sentisse que algo injusto estivesse acontecendo com eles”.

Orwell sempre buscava estar o mais próximo possível do tópico que buscava escrever para influenciar seus escritos, tanto que todas suas obras possuem relações diretas com suas experiências pessoais e para Neto (1984) Orwell “pertencia àquele gênero de autores para quem o melhor tema para escrever é o que se conhece melhor”.

Contudo, talvez sua experiência mais marcante tenha sido no ano de 1936. Durante a Guerra Civil Espanhola que segundo Santos (2011, p. 69-70) serviu para que Orwell conhecesse bem como as práticas e a política stalinistas eram e testemunhou a ameaça do totalitarismo. A partir de então, Orwell percebeu que o stalinismo estava mais preocupado com a formação do império russo do que com a libertação dos povos. Apesar de vestirem roupas marxistas libertárias, suas práticas eram extremamente ditatoriais e repressivas. Santos (2011) diz que “essa contradição fez com que Orwell centralizasse seus escritos tanto em artigos como romances para denunciar a política adotada pelo governo russo e a figura de Stalin”.

Dois + Dois = Cinco

Impossível não associar esse simples erro matemático a uma das mais famosas expressões que remetem diretamente à manipulação do partido totalitário da obra *1984* de George Orwell. Onde quer que vejamos que dois mais dois é igual a cinco lembraremos automaticamente do mundo distópico de Orwell, talvez apenas a palavra *duplipensar* – “a capacidade de guardar simultaneamente duas crenças contraditórias na cabeça, aceitando ambas” (NETO, 1984, p. 78) – possua uma associação mais forte com a obra do que $2+2=5$, apesar de ser uma representação do *duplipensar*.

Silva (2010, p. 220) considera que a temática de *1984* relaciona a memória e a história como arma de ação política, visto que parte dela foi concebida em meio a ascensão de regimes totalitários

como na Itália de Mussolini e na Espanha de Franco, o que era uma ameaça à democracia. Considerando essa temática política e o “aviso” de Orwell, Neto (1984, p. 84) diz que *1984* “é a descrição do mundo imaginado pelos neopessimistas. Para Orwell, eles cometeram o gravíssimo erro de considerar o totalitarismo como inevitável(...)” e menciona também que Orwell declarou que escreveu *1984* com isso em mente: “Eu acredito que ideias totalitárias se enraizaram nas mentes dos intelectuais em toda parte, e eu tentei induzi-las às suas consequências lógicas”.

Neto (1984) então considera que a repulsa provocada ao ler a obra foi planejada para servir como um aviso do futuro terrível que poderia acontecer, assim como dito por Orwell.

(Novi)língua e Poder

*“Se o pensamento corrompe a linguagem, a linguagem também
pode corromper o pensamento”
(George Orwell)*

A linguagem exerce um papel fundamental na sociedade desde a antiguidade e segundo Fiorin (2010) é por meio dela que podemos nomear, criar e transformar o universo real, assim como a troca de experiências, falar sobre o que existiu e o que poderá vir existir. Bem como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. A linguagem é relativamente autônoma como expressões de ideias, propósitos e emoções, no entanto, ela é orientada pela visão de mundo, pelas injunções da realidade social, histórica e cultural de seu falante, portanto por vezes é utilizada como poderosa ferramenta política, e assim é capaz de influenciar e causar inúmeros impactos socioculturais, como citado por Orwell na epígrafe desse subcapítulo

Sendo a linguagem verbal matéria do pensamento e veículo da comunicação social, não seria ela carregada de ideologia? Fiorin (2010, p.61) afirma que nenhuma comunicação é neutra ou ingênua no sentido de que nela estão em jogo os valores ideológicos dos sujeitos da comunicação. Bakhtin menciona que diferentes classes sociais utilizam do mesmo sistema linguístico, contudo, não produzem discursos ideologicamente semelhantes e com isso instalam-se choques e contradições que fazem da língua “a arena onde se desenvolve a luta de classes”. (FIORIN, 2010. apud BAKHTIN, 1981, p. 46)

As línguas artificiais também são orientadas por injunções da realidade social, histórica e cultural, principalmente por terem sido criadas com um propósito específico e não como fruto natural da comunicação de um povo. Isso é o que ocorre com o idioma artificial criado pelo governo totalitário de *1984* (2009). O *newspeak*, também traduzido como *novafala* ou *novilíngua*, é um

idioma carregado de propósitos, lexicalmente pobre, porém destaca-se por uma polivalência e ambiguidade semântica de certos vocábulos. A *novilíngua*, depois de pronta, ocasionaria na delimitação do pensamento crítico e conseqüentemente um maior controle sobre os indivíduos, evitando assim a propagação de pensamentos heréticos e a luta contra a dominação, consolidando o poder do governo.

Tendo em vista a importância da língua/linguagem para a manutenção do poder e ideologia do partido. Santos (2011) discute o conceito de língua/linguagem em *1984* (2009) e afirma que a linguagem é multifacetada e atravessada por diferentes vozes provenientes dos discursos sociais tanto na vida como na arte. Dessa forma, Santos (2011) revelou ser viável tratar a *novilíngua* como uma língua de fato e não como um sistema de códigos ou qualquer outro meio de comunicação menos complexo ou inferior a língua humana, entendendo a língua não somente como conjunto de regras gramaticais, mas como: “um conjunto difuso de variedades geográficas, temporais e sociais(...) atravessado por índices sociais de valores oriundos das diversas experiências sócio-histórica dos grupos sociais(...)” (SANTOS, 2011. apud FARACO, 2009, p. 57)

Assim como Santos (2011) que ao afirmar que o controle semântico da *novilíngua* está atrelado a manipulação da mente do sujeito falante para que este coloque em funcionamento apenas os sentidos autorizados, Garcia e Mozzillo (2010) afirmam que a *novilíngua* foi construída a partir de uma “simplificação” radical do inglês, uma diminuição proposital do léxico a fim de reduzir as possibilidades de pensamento. Além de ressaltarem que a *novilíngua* é apresentada como um meio de domínio sobre o indivíduo, diferentemente de outras línguas artificiais, já que possui seus sentidos construídos sobre conceitos pré-existentes, ou seja, o vocabulário da *novilíngua* é criado a partir de palavras da língua natural vigente, a *anticlíngua*. Todavia, mesmo sendo estruturalmente e semanticamente dependentes da *anticlíngua*, as palavras não apresentam um sentido único para que possa ser traduzido para um único termo de língua natural, assim como mencionado por Garcia e Mozzillo (2010).

Neto (1984) descreve a finalidade da *novilíngua* como destinada a eliminar pensamentos subversivos e que teve origem nos comentários que Orwell fazia sobre o papel da linguagem na literatura e principalmente na política, pela forma que políticos e intelectuais corrompiam o sentido das palavras e a maneira pela qual emitiam opiniões contraditórias, onde ambas eram aceitas.

O próprio Orwell (2009, p. 68, 69) através da personagem Syme, uma das responsáveis pela construção da décima primeira edição do dicionário de *novilíngua* na obra, explica o objetivo da criação da língua:

(...) Você não vê que a verdadeira finalidade da Novafala é estreitar o âmbito do pensamento? No fim, tornaremos o crime pensar literalmente impossível, já que não haverá palavras para expressá-lo. Todo conceito de que pudermos necessitar será expresso por apenas uma palavra, com significado rigidamente definido, e todos seus significados subsidiários serão eliminados e esquecidos. Na Décima Primeira Edição já estamos quase atingindo esse objetivo. Só que o processo continuará avançando até muito depois que eu e você estivermos mortos(...). A Revolução se completará quando a língua for perfeita. A Novafala é o Socing, e o Socing é a Novafala(...)

A *novilíngua* não era apenas mais uma das incontáveis ferramentas de manipulação do partido, toda a ideologia e o intuito por trás dessa língua na obra de Orwell a coloca em um patamar superior. A destruição lexical e a delimitação semântica das palavras em *novilíngua* reduziriam de forma significativa o fluxo de pensamento humano, assim, a partir do momento que pensamentos dependem de palavras para serem formulados, eles dificilmente poderiam divergir dos princípios estabelecidos pelo sistema.

O vocabulário da *novilíngua*, destacado no apêndice da obra (p.347), foi elaborado a fim de conferir expressões exatas e literais a todos os significados que um membro do partido pudesse apropriadamente querer transmitir, ao mesmo tempo que excluía todos os demais significados e inclusive a possibilidade de chegar a eles por meios indiretos, restringindo e estruturando o vocabulário da língua em três classes distintas. Para que tal feito fosse possível, a língua ganhou novas palavras, recorreu a eliminação daquelas que consideravam indesejáveis, principalmente a subtração de significados heréticos e até onde fosse possível, de todo e qualquer significado secundário que pudesse apresentar algum pensamento divergente. A *novilíngua*, então, viu-se estruturada em: Vocabulários A, B e C. As três classes de palavras foram divididas de acordo com suas peculiaridades, contudo, obedeciam às mesmas regras gramaticais.

O vocabulário A é composto por palavras destinadas exclusivamente a exprimir pensamentos simples e de uso cotidiano como: comer, beber, trabalhar, subir, descer, cão, árvore, casa, entre outras. Todas as palavras do inglês que se enquadravam no vocabulário A e que apresentaram qualquer tipo de polissemia semântica foram eliminadas, restando apenas vocábulos monossêmicos cuja sonoridade curta exercia outro fator importante: o conceito de simplicidade e clareza que dificilmente os lexemas dos vocabulários B e C apresentavam.

O vocabulário C, segundo Orwell (2009), é composto por palavras científicas e técnicas e, de acordo com Santos (2011) e Osike (2011) um número muito pequeno das palavras do tipo C eram utilizadas no dia a dia, cada profissional estava limitado a palavras dentro do contexto de sua especialidade.

No tocante ao vocabulário B, este grupo abrange palavras compostas criadas para fins políticos. Orwell (2009, p. 352) afirma que sem uma real compreensão dos princípios do *Socing* era difícil empregar tais palavras corretamente. Em alguns casos, era possível traduzi-las para *anticlíngua* ou mesmo para palavras do vocabulário A, porém isso em geral exigia longas paráfrases e sempre resultava na perda de certas nuances de sentido. Tratava-se de uma espécie de taquigrafia verbal, frequentemente resumindo grandes extensões de ideias em poucas sílabas, mostrando-se, ao mesmo tempo, mais precisas e eficazes do que o vocabulário empregado no dia a dia.

Santos (2011) destaca que o vocabulário B além de consistir em palavras que giravam em torno de assuntos políticos, também visava impulsionar uma atitude mental sobre a pessoa que estava usando esta classe de palavras. Osike (2011) atesta que a principal função das palavras do vocabulário B é a destruição de significados. Osike (2011) diz ainda que cada palavra tinha seu significado ampliado de modo a abarcar várias outras que, contidas em uma só, acabavam por cair em desuso. Bem como o próprio Orwell (2009, p. 353) ao mencionar que certas palavras da *novilíngua* possuíam seus significados ampliados até que elas pudessem conter em si mesmas exércitos inteiros de vocábulos que, estando devidamente representado por um único termo, podiam ser então eliminados e esquecidos.

Algumas palavras incluídas no vocabulário B possuíam significados extremamente sutis, quase ininteligíveis para quem não dominasse o idioma de todo. Veja-se, por exemplo, uma frase típica de um editorial do *Times*, como *Pensocréptos desventresentem o Socing*. A tradução mais sucinta disso em Velhafala seria: “Aqueles cujas ideias se formaram antes da revolução não tem como alcançar uma compreensão sensível dos princípios do Socing. Além disso, apenas uma pessoa imersa no universo ideológico do Socing seria capaz de perceber toda a força da palavra *ventresentir*, que implicava uma aceitação cega e entusiástica, difícil de ser imaginada hoje em dia, ou do termo *pensocrépto*, que estava inextricavelmente vinculado à ideia de perversidade e decadência. (ORWELL, 2009, p. 353)

Por meio desse trecho supracitado de Orwell (2009), é notável como a polissemia semântica do vocabulário B é peça primordial na destruição de vocábulos heréticos e conseqüentemente na consolidação do poder do partido. Rossa (2001, p. 23) define polissemia como a existência de mais de um sentido, estando os sentidos associados a um item lexical e mantendo entre si algum tipo de relação semântica. Partilhando da mesma visão, Bidarra (2010, p. 4) menciona: “Significados não

guardam entre si qualquer tipo de relação (casos de homonímia), mas quando, ao contrário, mantêm uns com os outros uma ligação semântica intrínseca. Essa última, por isso chamada polissemia, por suas características e comportamento(...)"

Assim como Rossa (2001) e Bidarra (2010), Fiorin (2011, p. 130) descreve que a polissemia está relacionada ao uso do discurso que se faz de uma mesma palavra, dessa forma possui um único significante que corresponde à vários significados.

O que é Discurso?

Resende e Ramalho (2010) apresentam em seu livro duas definições de discurso segundo as vertentes da linguística formalista e funcionalista. No paradigma formalista, o discurso é definido como a unidade acima da sentença que segundo Schiffrin (1994 apud RESENDE; RAMALHO, 2010) contém um problema imediato: o discurso não apresenta características semelhantes às da sentença. Além disso, se sentenças são criadas no discurso, parece contraditório definir o discurso como construído daquilo que ele mesmo cria. Por outro lado, o conceito funcionalista define discurso como a linguagem em uso, o que o torna aplicável para os analistas de discurso, uma vez que o foco de interesse não é apenas a interioridade dos sistemas linguísticos, mas, sobretudo, a investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso.

Ao usar o termo discurso, Fairclough (2001) se propõe a considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Ele mesmo afirma que isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Por outro lado, o discurso é socialmente constitutivo. O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.

Análise Crítica do Discurso

Na década de 1970, segundo Magalhães (2005), na Universidade de East Eagle, Grã-Bretanha, um grupo de pesquisadores desenvolveu uma abordagem de estudos de linguagem conhecida como Linguística Crítica. Em 1979, Fowler, Kress, Hodge, e Trew publicaram

Language and Control, um livro que teve repercussão entre linguistas e pesquisadores de linguagem que se interessavam pela relação entre o estudo do texto e os conceitos de poder e ideologia. Com isso, outros estudiosos na década de 1980 se dedicaram ao desenvolvimento dessa abordagem.

Martins (2005, p.2) faz uso das palavras de Fairclough (1992) para abordar como a ACD surgiu:

A Análise Crítica do Discurso, como pode ser lido em Fairclough (1992) surgiu como uma concretização do desejo de um grupo específico de linguistas de criação de um método para analisar a linguagem que aliasse as teorias lingüísticas, sociológicas e políticas, a seu ver a única maneira adequada de tratar a linguagem, que é um objeto essencialmente dinâmico. Esta abordagem do discurso e da linguagem que alia conceitos e métodos oriundos da Linguística e das Ciências Sociais de forma satisfatória pode ser considerada inovadora. Chouliaraki & Fairclough (1999:16) chegam a caracterizar a ACD como "síntese mutante de outras teorias".

A ACD é “uma síntese mutante de outras teorias”, como mencionado por Chouliaraki e Fairclough (1999), e isso apenas corrobora a característica multidisciplinar da ACD. Segundo Van Dijk (1993, p.1) a multidisciplinariedade da ACD propõe um amplo campo de estudo. A ACD permite o estudo das relações entre discurso, poder, hegemonia e desigualdade social tendo em foco o papel do discurso na (re)produção e luta contra dominação.

Os analistas críticos do discurso, de acordo com Van Dijk (1993), visam estudar quais estruturas, estratégias ou outras propriedades do texto, fala, interação verbal ou eventos comunicativos trabalham nos modos de reprodução do discurso. Assim como Van Dijk (1993), Billig (2008) define que analistas críticos do discurso buscam analisar a língua de forma crítica a fim de expor as ideologias e as relações de poder no uso da língua.

Tendo em vista as questões sociopolíticas e analíticas do discurso, Teun Van Dijk (1993, p.4) discorre acerca da preocupação da ACD com as dimensões discursivas do abuso de poder que surgem ou são sustentadas, legitimadas ou ignoradas pelas elites que promovem injustiça e desigualdade social.

Diferentemente de outros analistas do discurso, o analista crítico do discurso apresenta um explícito viés sociopolítico (...) um dos critérios do seu trabalho é solidariedade com aqueles que mais precisam. Seus problemas são problemas ‘reais’ que ameaçam as vidas ou bem-estar de muitos. (VAN DIJK, 1993, p.4, tradução minha)

Ideologia e Hegemonia

A ideologia segundo Van Dijk (1998, p. 16) é a base das representações sociais compartilhadas por membros de um grupo. O autor menciona que o conceito ideologia serve como uma interface entre estruturas sociais e a cognição social. Isso significa que ideologias permitem que

peessoas, como membros de um grupo, organizem uma magnitude de crenças sociais, boas ou más, certas ou erradas, e ajam de acordo com elas, o que certamente influencia na compreensão de mundo em geral. Para Fairclough (2001, p.117), ideologia é definida como significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

A concepção de ideologia segundo diversos estudiosos está intrinsecamente ligada às relações de poder e a luta hegemônica. Segundo Van Dijk (1998, p. 8), na maioria dos casos, ideologias apresentam uma função material e simbólica dos interesses de um grupo. As ideologias são utilizadas e modificadas por atores sociais em específicas práticas sociais, geralmente discursivas. Dentre esses interesses, o poder sobre outros grupos (ou resistência à dominação) pode ser considerado como o papel central e o propósito para o desenvolvimento de ideologias.

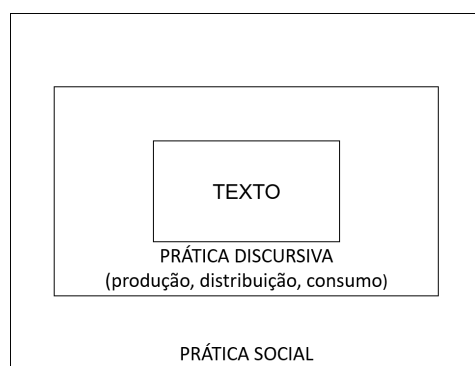
Chouliaraki e Fairclough (1999, apud RESENDE; RAMALHO, 2001 p. 47) consideram que a hegemonia enfatiza a importância da ideologia no estabelecimento e na manutenção da dominação baseadas mais no consenso que na coerção, a naturalização de práticas e relações sociais é fundamental para a permanência de articulações baseadas no poder, assim como mencionado por Van Dijk (1993).

Van Dijk (1998, p. 30) também aponta o fato de que embora ideologias sejam propriedades de um grupo social, membros individuais devem pessoalmente endossar, aceitar e utilizar uma ideologia no seu dia-a-dia, comparando-as às línguas naturais por serem sistemas essencialmente sociais e compartilhados por membros de um grupo, mas isso não quer dizer que os membros dessas comunidades não sabem as utilizar individualmente. A partir do momento que ideologias e crenças são socialmente compartilhadas, não significa que indivíduos possuam cópias idênticas delas. Em vez disso, cada membro possui a sua própria versão. Dentre as quais algumas pessoas apresentam somente uma versão limitada, as vezes incoerente, enquanto outras uma mais consistente e detalhada. Assim, essas versões particulares de ideologias e crenças permitem que diferenças individuais e até mesmo contradições surjam, fatores que podem levar à luta contra a dominação, como o que ocorre com a personagem Winston em *1984* (2009) ao começar a questionar a ideologia estabelecida pelo *Socing*.

Metodologia

O propósito desse trabalho é refletir sobre o poder da língua/linguagem no discurso já que a utilização de certas palavras não está sob total controle de seus interlocutores, mas muitas vezes estão intrinsecamente ligadas à posicionamentos ideológicos mais complexos, defendidos por uma elite para auxiliá-la na busca pelo poder e na manutenção hegemônica. Ademais, essa pesquisa não somente identifica a ideologia arquitetada por trás da *novilingua*, mas constata que tanto a língua planejada de Orwell como as línguas naturais apresentam um forte viés político e ideológico em seu léxico que podem ser utilizados a fim de incitar diferentes interpretações e manipular o discurso, delimitando o pensamento crítico graças a sua ampla variedade semântica.

Partindo desses pressupostos, Fairclough (2001, p. 89) desenvolveu uma abordagem cunhada como Teoria Social do Discurso (TSD) cujo objetivo é reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem. A TSD, segundo Resende e Ramalho (2010), trata-se de uma proposta com amplo escopo de aplicação que constitui o modelo teórico-metodológico aberto ao tratamento de diversas práticas na vida social, capaz de mapear as relações entre os recursos linguísticos os atores sociais. Para tal, Fairclough (2001, p. 101) apresenta uma concepção tridimensional (figura 1) do discurso que reúne três das tradições analíticas indispensáveis na análise do discurso.



Utilizarei nesse estudo as dimensões texto e prática social, porém, priorizando as categorias analíticas: vocabulário, ideologia e hegemonia. A primeira para análise das palavras individuais do vocabulário B da *novilingua*, ideologia (sentido) e hegemonia (orientações políticas, sociais e ideológicas) para observar, definir o significado-potencial e ambivalência-potencial dos lexemas da *novilingua*, analisar a forma com que esses vocábulos estão diretamente ligados à ideologia do

Socing e como influenciam nas estruturações das relações de poder e a delimitação do pensamento crítico na distopia de Orwell.

O vocabulário pode ser investigado de diversas formas e para Fairclough (2001) um dos focos da análise recai sobre a criação de palavras e sua significância política e ideológica. Outro foco é o sentido da palavra, já que as estruturações particulares das relações entre palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia. Toda a palavra possui uma gama de significados convencionalmente associados a ela que geralmente são representadas nos dicionários. Essa gama de significados é classificada por Fairclough (2001) como “significado-potencial”.

Fairclough (2010, p. 231) faz uso da menção de Pêcheux: “a variação semântica é uma faceta e um fator do conflito ideológico” e diz que a relação palavra-significado pode mudar rapidamente em processos de contestação e mudança social, portanto muitos significados potenciais são instáveis. Além disso, menciona as ambivalências e ambiguidades de significado, ambivalência-potencial, e o jogo retórico dos significados potenciais com os significados das palavras. Logo, as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são lexicalizados (criados) de várias maneiras. A relação de palavras com os significados segundo Fairclough (2001) é de muitos-para-um e não de um-para-um.

Segundo Fairclough (2001, p. 230):

Isso significa que como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram.

Portanto, para Fairclough (2001) essas escolhas e decisões não são puramente individuais dos intérpretes, os significados das palavras e as lexicalizações de significados são questões socialmente variáveis e socialmente contestadas por serem facetas de processos sociais e culturais mais amplos.

Análise Dos Lexemas Do Vocabulário B

A metodologia utilizada para atingir o objetivo seguiu a respectiva dinâmica: foram selecionados oito lexemas que compõem o vocabulário B presentes no corpus *1894* (2009), posteriormente, sob à ótica da TSD de Fairclough (2001) e sua concepção tridimensional do discurso, analiso os lexemas selecionados priorizando as dimensões texto e prática social, dando um

maior enfoque para as categorias analíticas: vocabulário, ideologia e hegemonia. A primeira para análise das palavras selecionadas do vocabulário B de *novilíngua*, ideologia para a análise dos sentidos dessas palavras e hegemonia para análise de suas inclinações políticas, sociais e ideológicas.

Os vocábulos selecionados são palavras compostas e, em sua grande maioria substantivos-verbos, todas de fácil pronúncia. Essas palavras fazem parte do vocabulário B de *novilíngua* e são utilizadas em alusão à pensamentos e ações de cunho político e ideológico. Algumas delas, por apresentar um campo semântico muito amplo, acabam englobando termos considerados contraditórios e ainda assim remetem ao que é proposto pelo partido totalitário da obra, refletindo positivamente e/ou negativamente de acordo com a intenção do partido.

No que se refere à análise, as dimensões dos fenômenos da *novilíngua* que acarretam as estruturas das relações de poder e a delimitação do pensamento crítico na obra são analisados por diferentes fatores, dentre os quais os principais são: (1) os diferentes termos que podem ser englobados pela palavra e (2) sua significação ideológica. Esses fatores estão organizados em uma tabela com a análise individual dos lexemas selecionados.

A relação de palavras com seus significados é de muitos-para-um e não de um-para-um como menciona Fairclough (2001). O campo semântico do vocabulário B da *novilíngua* é um exemplo disso por possuir uma polivalência semântica bem mais abrangente do que as línguas naturais, e dependendo dos interlocutores e do contexto que está inserido, esses sentidos podem ser alterados de acordo com a ideologia pregada pelo *Socing*. No entanto, certas palavras se apresentaram ideologicamente primordiais para a estruturação do *Socing* e, portanto, foram as selecionadas para esse trabalho.

Os campos semânticos dos vocábulos selecionados corroboram com os princípios do *Socing*. A significação política e ideológica, segundo Fairclough (2001) podem ser identificadas por intermédio da análise do vocabulário e, nesse caso, da criação de palavras, além de mencionar a importância do sentido que essas palavras podem exprimir.

Segundo Fairclough (2001) toda a palavra abarca uma gama de significados convencionalmente associados a ela que geralmente são representadas nos dicionários, classificada como “significado-potencial”.

Partindo desses pressupostos, apresento uma tabela com dois campos. O primeiro com o significado-potencial de cada um dos lexemas selecionados tendo como base o apêndice de Orwell

(2009), enquanto o segundo com a representação das palavras correspondentes à sua gama polissêmica, sua ambivalência-potencial, como classifica Fairclough (2001).

Tabela 1 - Significado-Potencial e Ambivalência-Potencial

Palavras	Significado-Potencial	Ambivalência-Potencial
<i>Bompensar</i>	Pensar de maneira ortodoxa, seguindo indiscutivelmente os princípios defendidos pelo <i>Socing</i> .	Totalitarismo, tradicionalismo, desigualdade, violência, submissão, <i>duplipensar</i> , não questionamento aos princípios do <i>socing</i> , castidade, sexo para fins reprodutivos, idolatria ao Grande Irmão
<i>Duplipensar</i>	Capacidade de abrigar duas crenças contraditórias e acreditar em ambas, levando em consideração o que o <i>Socing</i> define como verdade.	Duplicidade, dualidade
<i>Sexocrime</i>	Quaisquer pensamentos, tentativas ou ato sexual cujo principal motivo seja o prazer.	Homossexualidade, adultério, fornicação, sexo por prazer
<i>Benesexo</i>	Sexo como algo desagradável, uma obrigação somente com o intuito de procriar.	Castidade, sexo para fins reprodutivos
<i>Pensamento-crime</i>	Pensamentos divergentes dos princípios do <i>Socing</i> .	Dúvida, inovação, ciência, razão, lógica, liberdade, justiça, internacionalismo, igualdade, prazer, moralidade
<i>Crimepensar</i>	Capacidade de considerar qualquer pensamento que divirja dos princípios do <i>Socing</i> .	Dúvida, inovação, ciência, razão, lógica, liberdade, justiça, internacionalismo, igualdade, prazer, moralidade, homossexualidade, adultério, fornicação, sexo por prazer.
<i>Crimeinterrupção</i>	Interromper, como por instinto, todo pensamento perigoso.	Interromper, estacar, deter o <i>pensamento-crime</i>
<i>Patofalar</i>	Substantivo-verbo que possui dois sentidos contraditórios. Quando aplicada a um adversário, é uma ofensa; aplicada a alguém que você concorda, é elogio.	Grandiloquente, eloquente, convincente, expressivo, prolixo, confuso, ininteligível, impreciso, atrapalhado.

A polissemia semântica das palavras do vocabulário B de *novilíngua* impossibilita traduções exatas, muitas vezes, somente por meio de longas paráfrases é possível definir o significado-potencial desses vocábulos. Fairclough (2001, p. 231) menciona que em alguns casos os significados-potenciais são ilusórios, “especialmente onde palavras e significados estão envolvidos em processos de contestação e mudança social e cultural”.

O objetivo da *novilíngua* é a consolidação da hegemonia por meio da imposição ideológica, tendo o vocabulário B como o mais importante por controlar e manipular pontos-chaves, por apresentar vocábulos que são utilizados para se referir à questões políticas e ideológicas, além de possuir uma rica variação semântica que segundo Pêcheux (apud FAICLOUG 2001, p. 232) “é uma faceta e um fator do conflito ideológico”. Desse modo, os falantes de *novilíngua* estão diante de escolhas muito restritas sobre como e quando usar uma palavra para expressar pensamentos políticos e ideológicos, além de como interpretá-las.

A palavra *duplipensar* e todas suas variações, por exemplo, estão estritamente ligadas aos princípios de duplicidade e mutabilidade do passado, conceitos presentes em praticamente qualquer referência ao *Socing* e ao Grande Irmão. Esse vocábulo encaixa-se nas entrelinhas dos três principais lemas do partido “Guerra é Paz”, “Liberdade é Escravidão” e “Ignorância é Força”, além do famoso $2+2=5$. O paradoxo do *duplipensamento* remete à ortodoxia, ao *bompensar*, é uma palavra utilizada frequentemente por todos os membros do Partido, do nível mais baixo à elite para reforçar os princípios do *Socing*, erradicar o *pensamento-crime* e qualquer dúvida quanto a veracidade das informações providas pelo Grande Irmão.

Crimepensar, *pensamento-crime* e todas suas variações também estão diretamente ligadas aos princípios do *Socing*, e têm como o intuito reprimir e erradicar o pensamento/atitude herege. As palavras *crimepensar* e *pensamento-crime* talvez sejam as palavras mais utilizadas no discurso recorrente na obra, cuja *novilíngua* ainda não fora totalmente implementada.

Outro fator importante ligado ao uso frequente da *novilíngua* e principalmente das palavras *crimepensar*, *pensamento-crime*, *duplipensar*, *bompensar* e *crimeinterrupção* traz uma referência ao papel do Governo na educação. A educação das crianças é exclusivamente feita por órgãos do Partido, os pais não possuem a mínima participação no processo. Os órgãos do Partido são responsáveis por doutrinar essas crianças com os ideais do *Socing*, o que ocasiona numa diminuição dos laços afetivos entre as famílias, tendo o amor ao Grande Irmão acima de tudo. À essas crianças e jovens são atribuídas grandes responsabilidades junto ao *Socing* e eles servem como

uma ramificação da Polícia das Ideias para monitorar a população. Além de muitos jovens também participarem da Liga Juvenil Antissexo, organização responsável por pregar a castidade, utilizando constantemente os vocábulos *benesexo* e *sexocrime* em seus discursos. O discurso sexual na obra é extremamente restrito a *benesexo* e *sexocrime* visto que a liberdade sexual pode ocasionar paixões e desviar os membros do Partido do amor ao Grande Irmão cujas consequências poderiam ser um estopim para a revolução, como demonstrado no romance entre Winston e Júlia.

O vocábulo *patofalar* é encontrado no discurso da personagem Syme para descrever os avanços da *novilíngua* e como essa delimitação de palavras é fundamental na manutenção do *Socing*. Esse lexema demonstra claramente o totalitarismo e a preocupação do Partido com as definições de aliados e inimigos. Numa sociedade como a Oceânia, onde o totalitarismo do *Socing* e a figura do Grande Irmão não permitem a escolha de quem é inimigo ou aliado, um vocábulo cujos sentidos variam de acordo com os interpretes e à quem são deferidos demonstra uma visível relação de poder existente no discurso. Não existe livre escolha ao utilizar a palavra *patofalar* e suas variações, todos os posicionamentos já estão predefinidos pelo *Socing*, porém podem ser mudados a qualquer momento pelo Grande Irmão.

Dizer que alguém *patofala* é uma forma de reforçar os princípios do *Socing* e refutar posicionamentos opostos à ideologia do Partido. Um exemplo seria a frase: Os líderes da Eurásia *patofalaram* sobre as técnicas de guerra do Grande Irmão. Nessa frase, os líderes Eurasianos podem ter falado inteligivelmente e elogiado o posicionamento do Grande Irmão, caso sejam aliados, tanto como podem ter mencionado falácias, posicionamentos errôneos e absurdos referentes as técnicas do Grande Irmão caso seja considerado inimigos.

Com a consolidação da *novilíngua* como idioma oficial da Oceânia, todos os lexemas do vocabulário B seriam utilizados por todo Partido Externo, o principal alvo de manipulação da elite. O alto escalão do Partido não é mencionado na obra, o mais próximo de um membro do Partido Interno que conhecemos é O'Brien, que aparentemente não seria afetado pela implementação da *novilíngua*, não é interessante para a classe dominante que seus membros possuam seu pensamento crítico delimitado por conta da língua falada, portanto uma parte da elite, não todos os membros do Partido Interno, ainda teriam o inglês antigo como língua principal para que assim sejam capazes articularem seus pensamentos políticos e ideológicos a fim de manter as relações de poder e erradicar a mínima faísca que possa acarretar em revolução das classes oprimidas.

Considerações Finais

A pesquisa teve como objetivo compreender os processos ideológicos na estruturação hegemônica da sociedade de *1984* (2009) e analisar as palavras polissêmicas do vocabulário B de *novilíngua* que contribuem para esse fator. As palavras analisadas à luz da TSD de Fairclough (2001) demonstram a preocupação ideológica na escolha de vocábulos cujo campo semântico apresentasse amplitude suficiente, juntamente com a destruição do léxico do inglês antigo, para levar o pensamento crítico individual à delimitação desejada. Assim, provocando o apoio e legitimação dos posicionamentos defendidos pelo *Socing*. A língua então pode ser considerada a principal ferramenta para a consolidação do poder.

Durante todo o processo de pesquisa a intenção desse trabalho foi de apresentar o papel da língua na estruturação hegemônica de um governo permeando a importância da interpretação dos mais simples discursos e das palavras que exercem posicionamentos políticos-ideológicos a favor de uma elite, no caso o da obra *1984* (2009). O produto da análise crítica desse trabalho aponta a polissemia lexical como fator determinante para a delimitação do pensamento crítico e consolidação do poder na sociedade.

Apesar de ter analisado o discurso presente numa língua artificial e num romance, esse controle ideológico não está restrito à língua planejada de *1984*, mas é algo presente nas línguas naturais. Portanto é fundamental que analisemos os discursos propagados pela mídia e figuras influentes cuidadosamente, nossos discursos muitas vezes são meras representações e reflexos de discursos opressores planejados a influenciar e controlar os nossos posicionamentos políticos e ideológicos para que tenhamos a falsa sensação de termos livre escolha. Somente por meio dessa preocupação seremos capazes de apresentar posicionamentos opostos ao que nos é estabelecido e assim pararemos de cultuar os "Grandes Irmãos" do mundo real.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Rogério Bianchi de. **Utopia e antiutopia contemporânea**: a utopia da cidadania planetária e a antiutopia da sociedade de consumo. 2008. 271 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://goo.gl/B2GJCV>. Acesso em 14 de out. 2016

BIDARRA, Jorge. **Polissemia, vagueza e ambivalência**: Os intrigantes meandros da interpretação. In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem: *Diversidade, Ensino e Linguagem* UNIOESTE. Cascavél Paraná. Disponível em: <https://goo.gl/cb5mrZ>. Acesso em: 06 de jun. 2016.

BILLIG, Michael. (2008) **The language of critical discourse analysis: the case of nominalization**. Discourse & Society. Sage Publications. 2008. p. 783-800

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social** / Norman Fairclough: Izabel Magalhães, coordenadora de tradução, revisão técnica e prefácio. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística II: princípios de análise**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 131-135.

GARCIA, Karol; MOZZILLO, Isabella. **Facecrime, impessoa e Ingsoc: A língua artificial enquanto elemento condicionante do sujeito na distopia 1984**. In: Encontro do CELSUL, IX, 2010 Palhoça, Santa Catarina. Anais, Universidade do Sul de Santa Catarina, out. 2010. p. 1-14. Disponível em: <https://goo.gl/7zXTC7>. Acesso em: 25 de maio. 2016.

MAGALHAES, Izabel. **Introduction: critical discourse analysis**. DELTA, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 1-9. 2005. Disponível em: <https://goo.gl/QYLLT3>. Acesso em 23 de Set. 2016.

MARTINS, Izabella dos Santos. **Reflexões sobre a análise crítica do discurso**. DELTA, São Paulo, v. 21, n. 2. p. 313-321. 2005. Disponível em: <goo.gl/gXKrBH>. Acesso em: 23 de Set. 2016.

NETO, Ricardo B. **Orwell: A busca da decência**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner; Heloisa Jahn. 26ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OSIKE, Desirrê Parzianello. **Relativismo linguístico em 1984 de George Orwell**. 2011. 53 f. Monografia (Graduação em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <https://goo.gl/T5Q0os>. Acesso em: 18 de ago. 2016.

RESENDE, Viviane; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

ROSSA, L. **Indeterminação semântica: ambiguidade, vagueza e polissemia na teoria da relevância**. 2001. 172 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2001. Disponível em: <https://goo.gl/bAFRFO>. Acesso em: 04 de jun. 2016.

SANTOS, Rodrigo F. A. dos. **O conceito de língua/linguagem em 1984 de Orwell**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <https://goo.gl/FOF1DW>. Acesso em: 01 de jun. 2016.

SILVA, Matheus Cardoso da. **O último homem da Europa: A luta pela memória no universo não ficcional da obra de George Orwell, 1937-1949**. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) –

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
Disponível em: <https://goo.gl/8JxJxr>. Acesso em: 06 de set. 2016.

VAN DIJK, T. A. **Ideology**: A multidisciplinary approach. London: Sage Publications, 1998.
Disponível em: <https://goo.gl/mf7Km7>. Acesso em: 04 de set. 2016.

_____. **Principles of critical discourse analysis**. Discourse & Society. Sage Publications, 1993. p.
249-283. Disponível em: <https://goo.gl/KQRSvC>. Acesso em: 04 de set. 2016.